

Medindo o amor apaixonado

Cyrille Feybesse¹
Université Paris Descartes
Laboratoire de menaces sociales et environnementales

Elaine Hatfield
University of Hawaii

Félix Neto
Universidade do Porto

*Se não tivesse o amor,
Se não tivesse essa dor,
E se não tivesse sofrer,
E se não tivesse chorar,
Melhor era tudo se acabar.*

Vinícius de Moraes

Ainda é muito difícil conseguir determinar quando o sentimento amoroso surgiu. A antropóloga Helen Fisher (2004) propõe que isso aconteceu no momento em que nossos ancestrais desceram das árvores e se tornaram bípedes há 3 milhões e meio de anos atrás fazendo com que a bi-parentalidade se torne indispensável. A psicologia evolucionista considera que o amor evoluiu no âmbito de favorecer um mecanismo de vinculação que promove o investimento parental para assim garantir a sobrevivência da prole (Hendrick e Hendrick, 1995). Vestígios de sentimentos de amor parecidos com o qual possuímos hoje podem ser encontrados há cerca de 6000 mil anos com a civilização Suméria (Hatfield, Young, Besman e Rapson, 2012) onde encontram-se poemas relatando paixões e desejos que uma pessoa sentia por outra. Quanto mais as disciplinas científicas estudam o amor, mais voltamos no tempo para encontrar suas origens. Acadêmicos de diversas áreas consideram que há boas indicações de que o amor apaixonado, como o conhecemos hoje, já existia nas civilizações da Grécia e Roma antiga (Laqueur, 1990). O amor provavelmente sempre existiu

¹ Correspondência sobre este capítulo deve se enviada a Cyrille Feybesse: psicy@yahoo.com.br

em nossa espécie e tentar medi-lo parece que também sempre esteve no alvo de pesquisadores. A primeira real tentativa de sucesso, com propriedades psicométricas, foi a “*romanticism scale*” do sociólogo Dwight Dean em 1961 (Hatfield et al., 2012).

Este capítulo será dedicado a fornecer uma breve revisão sobre as descobertas que foram feitas por diferentes pesquisas científicas e informar sobre as medidas disponíveis hoje para se medir o amor apaixonado. Para esta segunda parte, nós nos limitamos a providenciar informações sobre as medidas que foram traduzidas para o português e trabalhadas em países lusófonos. Nós apresentaremos o amor apaixonado segundo a taxonomia desenvolvida por Elaine Hatfield e Ellen Berscheid (1969) que divide o amor em duas partes principais. As autoras defendem a ideia de que uma relação romântica começa com muito fervor e desejo caracterizado como sendo o amor apaixonado. Se esta mesma relação é bem-sucedida e assim perdura no tempo, o relacionamento passa para a fase do amor companheiro que pode ser definido como “*uma afeição que sentimos por alguém com quem nossa vida está profundamente entrelaçada*” (Hatfield, 1988). Este segundo tipo de amor é mais suave que o primeiro. Grande parte do mundo acadêmico considera esta taxonomia como sendo a melhor definição científica do amor na atualidade (Graham, 2011).

1) Definindo o amor apaixonado e algumas de suas características

O amor apaixonado como o mesmo pode ser encontrado em relações românticas já foi bastante conceitualizado e testado em inúmeros estudos científicos. O amor apaixonado é definido da seguinte maneira:

“Um estado intenso de desejo de união com o outro. Um todo complexo funcional incluindo estimativa ou apreciações, sentimentos subjetivos, processos fisiológicos padronizados, tendência a ação e comportamentos instrumentais. O amor recíproco (união com o outro)

está associado ao preenchimento e ao êxtase. O amor não correspondido (ou uma separação) está associado ao vazio, à ansiedade e ao desespero” (Hatfield e Sprecher, 2010, p. 470).

O amor apaixonado é um estado emocional selvagem onde há uma confusão de sentimentos. O apaixonado demonstra ternura e sexualidade, exaltação e dor, ansiedade e alívio ou altruísmo e ciúme (Hatfield e Waslter, 1978). Para Robert Sternberg (1988), a paixão abrange as unidades que levam ao romance, à atração sexual e ao ato sexual. O amor apaixonado constitui-se por haver muita paixão mas pouca intimidade e ainda menos compromisso. No entanto, amar de forma apaixonada é procurar ter uma relação de exclusividade com a pessoa amada. O seu foco é limitado a somente uma pessoa formando e mantendo um senso de segurança (Marazziti e Baroni, 2012). Esta ideia está bem representada na teoria de Sigmund Freud (1914) que acredita que estar apaixonado significa investir toda sua libido em um único objeto fazendo com que o mesmo seja elevado ao objeto sexual ideal. A fonte da vida amorosa é encontrada na fixação da ternura que a criança sentia em relação a sua mãe. Da mesma forma que a mãe é única, a pessoa amada também é somente uma (Freud, 1910).

Teoriza-se que este tipo de amor é mais comum em pessoas que são solteiras e jovens (Graham e Christiasen, 2009). Acredita-se que é o tipo de amor que surge no início de uma relação amorosa e que leva um casal a se casar (Neto, 1992) e seu desaparecimento é o motivo principal para a separação (Acevedo e Aron, 2009). O amor apaixonado seria a manifestação mais intensa de amor em relações românticas. A maioria dos estudos científicos sobre o amor apaixonado chegou à conclusão que não existem diferenças de gênero em relação a sua intensidade. Alguns estudos indicam que os homens o experienciam com mais frequência que as mulheres (Hendrick e Hendrick, 1995), assim como o “amor à primeira vista” e são mais vezes não correspondidos (Hill, Owen e Drumm, 1997; Galperin e Haselton, 2010). No entanto, os homens demonstram serem mais lúdicos, ou seja, eles trocam seu objeto de afeto com mais facilidade (Hendrick e Hendrick, 2006). As mulheres manifestam

um amor mais orientado na amizade, mais prático mas paradoxalmente mais ameno a tender a ser mais obsessivo (Hendrick e Hendrick, 1992). Elas também têm tendência de lutar mais pela sobrevivência de uma relação romântica (Hatfield e Sprecher, 1986) como também são mais sensíveis a responder a atitudes românticas (Moore e Leung, 2002). Isso pode nos levar a entender porque temos tendência em achar que o amor apaixonado possui características mais femininas.

Estar apaixonado por alguém significa desejar ter uma união completa com a pessoa amada. Esta união é tanto psicológica quanto social ou biológica. Diversos psicólogos se questionam o quão estreito o amor apaixonado está vinculado ao desejo sexual (Hatfield e Rapson, 2008). Podemos ter a certeza de que não existe um amor apaixonado sem atração ou desejo sexual. Em muitas culturas, os homens são ensinados a separar o sexo do amor e as mulheres a sempre associar a duas coisas (Hatfield e Rapson, 2005) o que pode nos levar a deduzir que esta vinculação passa também por uma vertente cultural. Essa relação entre amor e sexualidade pode variar em função do quanto o sexo fora do casamento, por exemplo, é permitido socialmente ou o quanto ele é considerado repulsivo. Quanto mais ele é permitido e atraente mais facilmente é disassociado do amor.

Os pesquisadores que estudam o amor, na sua larga maioria, estão de acordo com a ideia de que o amor é um fenômeno universal, que pode ser encontrado em praticamente qualquer cultura. Os antropólogos Jankowiak e Fischer (1992) examinaram 166 culturas diferentes e encontraram evidências da existência do amor apaixonado e seus emaranhamentos em 88,5% delas à partir de discursos, dos folclores ou de estudos etnográficos. Para as culturas restantes, os autores concluíram que não podiam determinar se o amor apaixonado existia ou não por não haver dados suficientes para se fazer tal presunção. Em somente uma cultura estudada havia a observação de que o amor romântico não parecia existir. Diversos pesquisadores concluíram que o amor apaixonado é experienciado com a mesma intensidade em culturas

variadas. O pesquisador Félix Neto, verificou que o estilo de amor mais associado ao amor apaixonado da teoria de Lee, o tipo *Eros*, encontra-se livre de fatores culturais ou étnicos obtendo um mesmo nível de intensidade em diversos continentes como a África, Europa, América do Sul (Brasil) e Ásia (Neto, Mullet, Deschamps, Benvindo, Camino, Falconi, Kagibanga e Machado, 2000; Pinto e Neto, 2008).

Existe um consenso entre os pesquisadores em considerá-lo como sendo um tipo de amor que enfraquece com o tempo (Acevedo e Aron, 2009; Hatfield, Pillemer, O'Brien, Sprecher e Ly, 2008). O amor apaixonado promove satisfação em um relacionamento romântico mas sua duração entre os membros de um casal ainda é bastante incerta (Graham, 2011). O seu tempo de existência causa bastantes controvérsias porque certos autores acreditam que ele é bem curto não podendo durar mais que 18 meses (Marazziti, Hakiskal, Rossi e Cassano, 1999) devido a sua intensa reação fisiológica enquanto outros autores acreditam que o amor apaixonado dura em média 4 anos (Fisher, 2004) por causa de sua finalidade primeira que é garantir a sobrevivência de uma vinculação amorosa face a problemas ou alternativas indesejáveis que um casal possa encontrar (Buss, 2006) garantindo assim uma união segura nos primeiros anos de vida de seus filhos. Desta mesma forma, acredita-se que o processo de seleção do parceiro ou parceira também possui uma vertente evolucionista. Segundo David Buss (2007), a seleção de um parceiro ou parceira para o acasalamento varia em função do gênero e de sua estratégia, ou seja, se o indivíduo procura obter um acasalamento de curto ou longo prazo. No Brasil, encontrou-se que as características mais buscadas em um relacionamento são características físicas (beleza do rosto e do corpo) para os homens enquanto as mulheres privilegiam certos traços de personalidade como o humor ou a inteligência e a disposição do parceiro em conseguir recursos materiais. Esses resultados também foram encontrados em outras culturas (Castro e Lopes, 2011).

Na literatura científica, existe um grande debate em relação a determinar se o amor é uma emoção ou não. Em geral, os psicólogos tendem a achar que é uma emoção enquanto os neurocientistas deduzem que o amor é complexo demais para ser classificado desta maneira (Hatfield e Rapson, 2008). Para alguns autores, o amor não pode ser considerado como sendo uma emoção porque não existe uma expressão facial universal para identificá-lo (Felmlee e Sprecher, 2006). Para Elaine Hatfield, é surpreendente que, apesar de observamos que a psicologia científica conseguiu colher um número considerável de informações sobre o tipo de expressão facial, postura e até padrões de respiração que estão associados às emoções básicas, não existe quase nenhuma informação deste tipo em relação ao amor. O amor seria um estado motivacional orientado para alcançar o objetivo de preservar e promover o bem-estar físico e psicológico (Fisher, 2004). Em contrapartida, os psicólogos Fehr e Russell (1991) notam que pessoas do mundo todo consideram que o amor é uma emoção básica e que elas fazem uma clara distinção entre o amor apaixonado e o amor companheiro.

O amor apaixonado possui relações com as emoções, existem um número considerável de evidências indicando que ele pode ser associado a emoções básicas. Experiências emocionais intensas geralmente são compostas de emoções distintas. O amor apaixonado corresponde a uma experiência de tempestade emocional (Hendrick e Hendrick, 2006) e o ato de se apaixonar como uma condição de vida estressante (Marazziti e Baroni, 2012). Uma forma de compreender ambas ideias é considerando que sua intensidade pode ser explicada pela mistura de emoções paradoxais com as quais ele é associado como o êxtase, a insegurança, o ciúme, a impaciência, a alegria ou ódio, etc. (Hatfield e Rapson, 1996).

Se ainda é difícil determinar se o amor é uma emoção ou não, teoriza-se que elas são capazes de intensificá-lo. Uma emoção que influencia muito o amor apaixonado é a ansiedade. As pessoas que estão com uma baixa auto-estima, julgam que suas vidas estão em um momento turbulento ou que estão em um momento de maior ansiedade estão mais propensas a se

apaixonarem perdidamente. Existem muitas similaridades neuro químicas entre pessoas apaixonadas e pessoas em um estado significativo de ansiedade. Finalmente, pessoas que apresentam níveis elevados de ansiedade apresentam níveis mais elevados de amor apaixonado (Hatfield e Rapson, 1996).

Além das emoções, o amor apaixonado também pode ser influenciado por variáveis externas, ou seja, que estão presentes no meio social e que não aparentam ter uma relação direta. A influência do meio ambiente ou social foi bem observada em relação a atração sexual. Estudos experimentais demonstraram que fatores como a temperatura ambiente de uma sala, o ambiente sonoro, a cor vermelha e até certas situações sociais como o final de uma festa ou o anúncio de que o horário de fechamento de um bar está próximo fazem com que as pessoas se sintam mais sexualmente atraídas por outras (Elliot e Niesta, 2008). Esse tipo de efeito teve tendência a se manifestar com mais frequência em amostras do gênero masculino do que com amostras do gênero feminino. Teoricamente, esses resultados podem ser generalizados em relação ao amor apaixonado visto que o mesmo possui uma forte ligação com a atração sexual e a sexualidade como vimos anteriormente. Diversos estudos indicaram que o amor apaixonado pode ser influenciado por fatores externos.

O amor sempre foi associado a obstáculos na literatura clássica (De Rougemont, 1939). Casais famosos como Romeu e Julieta (Shakespeare), Tristão e Isolda (Richard Wagner), Anne Karênina e Alexis Vronski (Tolstoi) ou Simão e Teresa (Camilo Castelo Branco) são apaixonados que devem enfrentar todo o tipo de barreira para poder viver seu romance. A autora Helen Fisher exemplifica esta ideia com o seu fenômeno “atração-frustração” afirmando que rupturas temporárias assim como brigas entre os membros de um casal estimulam o amor apaixonado. Obstáculos físicos e sociais que impençam a união de um casal fazem com que o mesmo ignore fatos e se centre em qualidades da pessoa amada (Fisher, 2004). Um exemplo de obstáculo físico que foi bastante testado experimentalmente foi a

separação geográfica. Pesquisadores americanos observaram que 75% de seus estudantes acabam vivendo uma relação de longa-distância em algum momento de sua formação acadêmica (Stafford, Merolla e Castle, 2006). No momento em que o casal se encontra separado, observou-se que o parceiro ou a parceira são muito idealizados levando a que se comuniquem mais entre si e a sentir mais amor. Curiosamente, os casais que estavam separados por uma grande distância julgavam o seus relacionamentos com mais satisfação (Stafford e Reske, 1990) e muitos desses mesmos relacionamentos encontraram o seu término 3 meses depois do reencontro geográfico (Stafford et al., 2006). Um exemplo de obstáculo social que foi constantemente testado em diversas pesquisas é o “efeito Romeu e Julieta” de Richard Discroll e seus colaboradores (1972). Estes autores formularam a hipótese de que se os pais de um jovem casal inteferem na união romântica do mesmo, o amor entre eles se intensifica. Este efeito é explicado porque a frustração do casal faz com que ambos os membros fiquem mais motivados como também torna operante o mecanismo de reactância de Brehm, ou seja, qualquer indivíduo que veja a sua liberdade ser ameaçada sentirá o desejo de restaurar ou manter sua liberdade. Quando maior for a ameaça, maior será o desejo de lutar por ela. A interferência parental corresponde a diferenças religiosas, raciais, socio-economicas ou morais e observou-se que existe uma relação entre ela e o amor apaixonado apesar de que estudos posteriores falharam em reproduzir os resultados sem conseguir repetir o efeito Romeu e Julieta (Johnson e Milardo, 1984; Sprecher e Felmlee, 1992).

Desde o ano 2000, pesquisadores ligados à neurociência e bioquímica começaram a desenvolver estudos para compreender o amor. Uma equipe de pesquisadores americanos (Fisher, 2004) e uma outra equipe inglesa (Bartels e Zeki, 2000) determinaram quais são as regiões do cérebro que pode ser associada ao amor apaixonado utilizando um aparelho de imagem funcional por ressonância magnética (MRIf). Em ambos os estudos, após os pesquisadores terem a certeza de ter encontrado uma pessoa que está completamente

apaixonada, uma foto da pessoa amada e uma foto neutra são mostradas para o sujeito enquanto o seu cérebro é escaneado. Os londrinos Andreas Bartels e Semir Zeki (2000) descobriram que a paixão ilumina as áreas do cérebro associadas a euforia e a recompensa e escurece as áreas associadas ao medo, ansiedade e tristeza. Outra área que é escurecida pelo amor apaixonado se situa no córtex pré-frontal responsável por controlar o pensamento crítico e a tomada de decisão. Isso indicaria que quando nos apaixonamos, sentimos menos necessidade de ter um olhar crítico em relação a pessoa amada. Neste sentido talvez o amor seja realmente cego (Hatfield e Rapson, 2008). Helen Fisher e seus colaboradores (2004) acharam resultados que corroboram com o estudo inglês. A maioria das regiões que são ativadas pelo amor apaixonado são as mesmas que são ativadas quando um indivíduo está vendo conteúdos que são sexualmente excitantes (Hatfield e Rapson, 2008). Além disso, Helen Fisher especula que 3 neurotransmissores têm um papel crucial no amor romântico. O amor apaixonado produz o aumento de secreção de dopamina e noradrenalina levando o indivíduo a focalizar sua atenção e a se sentir mais energético. O apaixonado também aumenta sua motivação em atingir uma recompensa e apresenta sintomas como perda do apetite e insônia. Em contrapartida, o apaixonado apresenta níveis mais baixos de serotonina que o normal e isso explicaria o motivo pelo qual o apaixonado pensa tanto de forma intrusiva e obsessiva na pessoa amada. A pesquisadora italiana Donatella Marazzite e seus colaboradores (1999) observaram que sujeitos que se apaixonaram em menos de 6 meses têm níveis baixos de serotonina da mesma forma que doentes que sofrem do transtorno obsessivo-compulsivo. Esses níveis voltam ao normal após 13-18 meses. Todas essas observações indicam algo que os cientistas sempre suspeitaram: estar apaixonado corresponde a um funcionamento cerebral muito próximo do que podemos observar em pessoas sob a influência de drogas euforizantes como a cocaína ou os opiáceos. Os apaixonados também sentem crises de abstinência quando são separados de seu objeto de paixão apresentando os mesmos tipos

de mecanismos cerebrais quando são rejeitados (Fisher, Brown, Aron, Strong e Mashek, 2010). Cientistas de diversas áreas observaram que relações amorosas provocam mudanças hormonais bastante significativas ao longo de um relacionamento (Marazziti e Baroni, 2012). Até o final dos anos 60, os pesquisadores em psicologia social que se preocuparam com as relações interpessoais, não viam o amor como uma entidade independente mas como algo que fazia parte do sentimento de afinidade (Rubin, 1970). Com a chegada dos anos 70, várias teorias sobre o amor foram desenvolvidas e começam a ser testadas empiricamente durante os anos 80. As diferentes concepções sobre o amor da psicologia social são adotadas por muitas disciplinas e, nos anos 90, começa-se a testá-las com amostras interculturais. A partir do ano 2000, o amor já é um tema muito estudado no mundo e hoje existem muita interdisciplinaridade entre as pesquisas científicas sobre o tema. As 3 teorias que vamos apresentar foram muito reconhecidas ao nível internacional e ainda são muito utilizadas e discutidas.

2) Medindo o amor apaixonado em português

Muitos pesquisadores em ciências humanas ou sociais poderão achar estranho ou meramente impossível que o amor possa ser medido e assim quantificado. O Amor pode ser vivido de várias formas e existem infinitas maneiras de senti-lo ou expressá-lo. Por um lado cada amor que vivemos é único mas diversos estudos científicos e seus resultados demonstram que existe algo comum. Os conceitos de amor, intimidade ou paixão não podem ser medidos diretamente fazendo com que a forma de colher dados passe por questionários de auto-administração (Graham e Christiansen, 2009). Esses questionários possibilitam que possamos interligar o amor com outras variáveis (como a ansiedade ou os obstáculos) de

forma experimental em uma amostra considerável de sujeitos e assim a explorar vários tipos de hipóteses em relação a natureza do amor.

No Brasil, duas famosas medidas do amor foram testadas com uma amostra de sujeitos brasileiros: a escala que utiliza a teoria do sociólogo John Alan Lee e a escala que corresponde a teoria triangular do amor de Robert Sternberg. Em seguida, abordaremos a versão em português da Escala de Amor Apaixonado. Essas 3 medidas vêm ganhando destaque com as suas aplicações em uma variedade de culturas fazendo-as se tornarem medidas de auto-administração globais nas quais sujeitos podem avaliar suas relações amorosas em uma variedade de aspectos (Graham, 2011).

1) Escala de Estilos de Amor (De Andrade e Garcia, 2009) ou Escalas de Atitudes em Relação ao Amor (Neto, 1992): O sociólogo John Alan Lee (1988) desenvolveu uma teoria sobre “as cores do amor” criando uma taxonomia de 6 tipos diferentes de amor na qual 3 são primárias: *Eros* (associado ao amor erótico), *Ludus* (amor como um jogo) e *Storge* (associado ao amor fraterno). Os 3 tipos restantes são secundários: *Pragma* (amor prático), *Mania* (amor obsessivo e dependente) e *Ágape* (amor altruísta) representando a combinação de 2 cores primárias. Como foi dito anteriormente, o tipo *Eros* de amar, se considerarmos cada cor isoladamente, seria o tipo que representaria melhor o amor apaixonado por ser definido como o tipo de amor mais erótico. Associado ao amor à primeira vista, ele é a atitude de amar que representa uma forte atração física onde o indivíduo procura relações íntimas quando encontra a pessoa que esta procurando (Neto, 1992).

A primeira versão de escala da teoria de Lee surgiu com uma versão de 50 itens em que o sujeito deveria responder de forma dicotômica (verdadeiro ou falso). A versão em inglês mais popular é a dos psicólogos sociais Susan e Clyde Hendrick (1986) onde cada estilo de amar é representado por 7 itens de resposta contínua. Posteriormente, esses mesmos autores criaram uma versão reduzida de 19 itens em que alguns foram reescritos para se obter algo de mais

específico (Hendrick, Hendrick e Dicke, 1988). No Brasil, duas versões diferentes da escala americana foram testadas obtendo bons resultados: uma relativa independência entre as subescalas (as diferentes formas de amar) e uma boa consistência interna para cada tipo de amor. A primeira versão em português foi desenvolvida por Félix Neto (1992) para reproduzir a teoria de Lee em Portugal. Essa mesma versão foi então testada em mais 4 culturas de língua portuguesa: Angola, Brasil, Cabo Verde e Moçambique (Neto, 1998; Neto et al., 2000). A análise fatorial confirmatória funcionou bem com a amostra de sujeitos brasileiros. Chegasse assim à conclusão de que o modelo de 6 fatores de Lee pode ser aplicado em várias culturas diferentes.

A outra versão disponível da *Love Attitude Scale* de Hendrick e Hendrick para ser usada na população brasileira é a versão de De Andrade e Garcia (2009). A vantagem desta versão é que ela foi testada com uma amostra bem significativa da população brasileira enquanto a versão de Neto comprovou ser uma medida fiável em várias culturas de língua portuguesa assim como em culturas de língua francesa ou em países orientais.

Cada um dos 6 estilos de amor pode ser visto como sendo uma atitude ou crença em relação a experiência que é amar. Se o tipo *Eros* é o estilo mais próximo do amor apaixonado, pesquisadores podem testar ou medir este último de outras maneiras. Segundo Susan e Clyde Hendrick (2006) estar apaixonado corresponderia a estar sujeito a uma mudança temporária em uma certa forma de amar que valoriza certos estilos de amor em detrimento de outros. O amor apaixonado pode ser entendido de várias maneiras e a escala pode indicar diferenças à través de um estilo ou de uma combinação de estilos. Os autores observam que combinar o estilo *Eros* com o estilo *Mania* pode ser entendido como uma representação do ato de se apaixonar; momento onde há um despertar emocional e fisiológico intenso na vida de alguém. Sujeitos com notas altas no estilo *Mania* são indivíduos que vivem fortes emoções com bastante frequência e isso pode corresponder aos altos e baixos de uma nova paixão.

Contrariamente, os estilos *Storge*, *Pragma* ou *Ludus* indicam uma atitude bem mais neutra de amar. Esses três estilos não traduzem a forte apreensão e o apreço a união romântica como ela é vivida pelas pessoas apaixonadas. O Estilo *Eros* remete ao enamoramento clássico enquanto o estilo *Storge* descreve um amor mais moderado no que se refere a sua intensidade. *Ludus*, por sua vez, indica que um determinado sujeito não está apaixonado no momento em que respondeu ao questionário.

Uma pesquisa sobre crenças românticas salientou que pessoas apaixonadas demonstram acreditar com muita determinação que o amor que elas estão vivendo é capaz de superar qualquer obstáculo, que a pessoa amada é o seu par perfeito e que o amor à primeira vista é possível (Sprecher e Metts, 1989). Esta ideia pode ser exemplificada com a união dos estilos *Eros* com *Ágape* e provavelmente é rejeitada por indivíduos que obtêm notas altas em *Ludus*. O amor apaixonado fortalece o sistema *Ágape* (Neto, 1992), ou seja, o altruísmo. Sujeitos que estão apaixonados responderam a uma escala sobre atitudes sexuais e observou-se que o amor apaixonado favorece tanto uma sexualidade mais idealizada quanto a adesão a uma prática sexual mais responsável (Hendrick e Hendrick, 2006).

É importante salientar que os estilos do amor da teoria de Lee indicam mais a postura de uma pessoa em relação a sua vida romântica e não tanto a intensidade como veremos com as escalas que vamos apresentar agora.

2) Escala Triangular do Amor ou Triangular love scale (Cassepp-borges, 2010; Sternberg, 1988): Robert Sternberg (1986) desenvolveu um modelo triangular do amor. Segundo o autor, diferentes tipos de amor variam em função da extensão que eles contêm de 3 ingredientes básicos: a paixão, a intimidade e a decisão/compromisso. As variações possíveis de intensidade de cada uma das componentes do amor possibilitam 8 formas diferentes de amar. A componente paixão isolada logo sem a presença das outras duas componentes, pode ser caracterizada como sendo um entusiasmo passageiro (Cassepp-Borges, 2010) assim um

sentimento que padece rapidamente no tempo. Uma forte presença de paixão com uma forte presença de compromisso corresponde ao “amor fatal” ou ao “amor à primeira vista” (Cassepp-Borges, 2010). O indivíduo neste caso sente uma forte atração física e deseja uma forte união mas carece de intimidade com a pessoa amada. Por fim, o amor realizado ou pleno é o tipo de amor onde todas as componentes estão com sua intensidade máxima. Esse tipo de amor deve acontecer quando um casal está em lua-de-mel por exemplo.

Robert Sternberg (1988) acredita que quando uma relação amorosa é bem-sucedida, o amor segue um curso no tempo onde a paixão geralmente vai perdendo intensidade enquanto a intimidade e o compromisso vão aumentando em intensidade para depois ficarem em níveis estáveis. Isso indicaria que a melhor forma de se medir o amor companheiro como ele foi definido por Elaine Hatfield (1988) e seus colaboradores é utilizando os itens da componente intimidade com os itens da componente compromisso/decisão. A teoria triangular de Sternberg assim como sua escala parece ser o modelo teórico mais popular no Brasil atualmente. Esta teoria foi testada diversas vezes na população brasileira (Cassepp-Borges, 2010).

3) Escala de Amor Apaixonado ou *Passionate love scale* (Hatfield e Sprecher, 1986; Feybesse, Neto e Hatfield, 2011): A Escala de Amor Apaixonado foi desenvolvida para medir a intensidade do amor apaixonado à partir de 30 itens na sua versão completa ou 15 itens na sua versão reduzida. O sujeito deve responder o quanto concorda com a afirmação de cada item utilizando uma escala contínua de 9 pontos que varia de “totalmente falso” para “totalmente verdadeiro”. A escala mede o amor apaixonado a partir de componentes cognitivas, emocionais e comportamentais que indiquem um “desejo ardente” de união com a pessoa amada (Hatfield e Sprecher, 1986). A escala está disponível no quadro 1.

A componente cognitiva avalia:

1 - Pensamentos intrusivos ou preocupações em relação ao parceiro(a)

2 - Idealização do outro(a) ou da relação

3 - Desejo de conhecer o outro(a) e de ser conhecido por ele ou ela

A componente emocional leva em conta os seguintes aspectos:

1- Atração em relação ao outro(a), especialmente em relação a atração sexual.

2- Sentimentos positivos quando as coisas vão bem na relação e sentimentos negativos quando elas vão mal.

3- Desejo de reciprocidade: as pessoas apaixonadas querem amar e serem amadas de volta.

4- Desejo de união completa e permanente

5- Excitação fisiológica

Finalmente, a componente comportamental estima os pontos seguintes:

1- Ações que ajudam a determinar os sentimentos da pessoa amada

2- Estudar a pessoa amada

3- Servir o outro(a)

A escala possui uma ótima consistência, fidelidade comprovando ser uma medida fiável em diversos estudos (Hatfield e Sprecher, 2010). Uma versão em português foi testada em alunos da Universidade do Porto em Portugal onde encontrou-se praticamente os mesmos resultados que a versão original (Feybesse, Neto e Hatfield, 2011). Como o objetivo sempre foi testar a Escala de Amor Apaixonado tanto na cultura portuguesa quanto na cultura brasileira, um pré-teste com alunos brasileiros em intercâmbio a menos de um ano em Portugal foi realizado indicando que a escala pode ser testada no Brasil. Temos a intenção de testar as propriedades psicométricas da escala com uma amostra brasileira muito em breve. Além disso, os sujeitos que responderam à Escala de Amor Apaixonado no estudo experimental, também responderam à Escala de Atitudes em Relação ao Amor (Neto, 1992) e a Escala Triangular de Amor (Cassepp-Borges, 2010). Encontrou-se uma relação entre as escalas da mesma forma que foi encontrado em um famoso estudo com as versões americanas destas mesmas escalas

Quadro 1

Escala de Amor Apaixonado
(Hatfield e Sprecher, 1986; Feybesse, Neto e Hatfield, 2011)

Nós gostaríamos de saber como se sente (ou sentiu) em relação a pessoa que ama, ou tenha amado o mais apaixonadamente possível. Alguns termos comuns ao da paixão amorosa são amor romântico, amor excessivo, amor doentio, ou amor obsessivo.

Por favor, pense na pessoa que ama o mais apaixonadamente neste momento. Se você não está apaixonado(a) neste momento ou se você nunca se apaixonou, por favor, pense na pessoa que você considera estar mais próxima desse tipo de emoção.

Tente descrever como se sente no momento em que os seus sentimentos são os mais intensos.

Para cada pergunta, assinale com um círculo, a resposta que lhe parece ser a mais verdadeira.

Em quem pensa?

- Alguém que amo neste momento
- Alguém que eu amei anteriormente
- Eu nunca amei ninguém

Possibilidade de resposta:

1	2	3	4	5	6	7	8	9
Totalmente falso				Moderadamente verdade				Totalmente verdade

- 1- Desde que me envolvi com a (o) _____, as minhas emoções estiveram numa montanha russa.
- 2- Eu sentiria um desespero profundo se a (o) _____ me deixasse.*
- 3- As vezes o meu corpo treme de excitação quando eu avisto a (o) _____.
- 4- Eu sinto muito prazer ao estudar os movimentos e os ângulos do corpo da (o) _____.
- 5- As vezes sinto que eu não posso controlar os meus pensamentos; eles são obsessivos em relação a (ao) _____.*
- 6- Eu sinto-me feliz quando faço alguma coisa para tornar a (o) _____ feliz.*
- 7- Eu prefiro estar com a (o) _____ do que com qualquer outra pessoa.*
- 8- Eu ficaria com ciúmes se pensasse que a (o) _____ estivesse apaixonando-se por outra pessoa.*
- 9- Ninguém poderia amar a (o) _____ como eu.
- 10- Eu anseio saber tudo sobre a (o) _____.*
- 11- Eu quero a (o) _____ física, emocional e mentalmente.*
- 12- Eu vou amar a (o) _____ para sempre.
- 13- Eu fico derretido (a) quando olho profundamente nos olhos da (o) _____.
- 14- Eu tenho um apetite infinito de afeição com a (o) _____.*
- 15- Para mim, a (o) _____ é a (o) minha (meu) parceira (o) romântica (o) perfeita (o).*
- 16- _____ é a pessoa que me pode fazer o mais feliz possível.
- 17- Eu sinto que meu corpo responde quando a (o) _____ me toca.*
- 18- Eu sinto carinho em relação a (ao) _____.
- 19- A (O) _____ parece estar sempre na minha mente.*
- 20- Se eu fosse separado da (o) _____ por um longo período, eu sentiria uma solidão intensa.
- 21- As vezes sinto que é difícil concentrar-me no trabalho porque os meus pensamentos em relação a (o) _____ ocupam a minha mente.
- 22- Eu quero que a (o) _____ me conheça – os meus pensamentos, os meus medos e as minhas esperanças.*
- 23- Saber que a (o) _____ se importa comigo, faz-me sentir completo (a).
- 24- Eu procuro encontrar avidamente sinais a indicar que a (o) _____ me deseja.*
- 25- Se a (o) _____ estivesse a passar por um período difícil, eu poria de lado as minhas próprias preocupações para ajudá-la (o).
- 26- A (O) _____ pode me deixar efervescente e atordoado.
- 27- Na presença da (o) _____ eu anseio tocar e ser tocado.
- 28- Uma existência sem a (o) _____ seria escura e triste.
- 29- Eu tenho uma poderosa atracção pela (o) _____.*
- 30- Eu fico extremamente deprimido (a) quando as coisas não vão bem no meu relacionamento com a (o) _____.*

* Corresponde aos itens selecionados para versão abreviada da Escala de Amor Apaixonado.

(Hendrick e Hendrick, 1989). O amor apaixonado tem sua mais forte correlação com a componente paixão de Sternberg, uma correlação positiva com as atitudes *Eros*, *Mania* e *Ágape* e uma correlação negativa com *Ludus*. No caso do estudo com versões em português, os resultados desta convergência devem ser considerados com cautela porque os mesmos foram testados somente com uma amostra de estudantes portugueses (Feybesse, Neto e Hatfield, 2011). A Escala Triangular do Amor de Sternberg foi adaptada com uma amostra de sujeitos brasileiros (Cassepp-Borges, 2010) e ainda não há estudos de validação com uma amostra portuguesa. Segundo Elaine Hatfield, a Escala de Amor Apaixonado pode ser usada em sujeitos de todas as idades, inclusive em crianças que mostraram níveis significativos de amor apaixonado com uma versão “juvenil” da escala (Hatfield, Schmitz, Cornelius e Rapson, 1988). A escala é a medida que possivelmente melhor explora a multiplicidade do amor apaixonado e seus diferentes subtipos (como foi demonstrado com a escala que avalia as atitudes ou estilos em relação ao amor de Lee ou com a Escala Triangular do Amor) podendo ser tanto aplicada em pessoas que estão vivendo um relacionamento no presente quanto em pessoas que pensam em relacionamentos passados. Teoricamente, a Escala de Amor Apaixonado integra os estilos *Eros* e *Mania* da teoria de Lee (Acevedo e Aron, 2009) e é a que reflete melhor o ato de se apaixonar (Hendrick e Hendrick, 2006) como também se assemelha a união da componente paixão com a componente intimidade de Sternberg.

O amor apaixonado pode ser uma variável independente muito útil para pesquisadores que buscam relacionar o amor com variáveis que não são necessariamente associadas ao amor ou a atração sexual. Por ser uma manifestação muito intensa do amor, ela pode influenciar o funcionamento cognitivo, emocional ou comportamental de um indivíduo de uma maneira muito evidente. Uma recomendação que podemos fazer aos pesquisadores interessados em usá-la como variável dependente ou independente passa por considerá-la como sendo uma variável relativamente traiçoeira. Como foi salientado em sua definição científica, o amor

apaixonado possui dois lados, ele pode ser associado a alegria e ao prazer como também pode levar à tristeza e ao desespero. Dependendo do tipo de estudo que se pretende fazer, pode ser importante que a metodologia empregada leve em conta este aspecto. Sujeitos apaixonados e que são correspondidos possuem uma visão muito positiva em relação ao amor apaixonado enquanto sujeitos apaixonados que não são correspondidos ou que foram rejeitados por alguém (Baumeister, Wotman e Stillwell, 1993) o consideram como sendo uma experiência fundamentalmente negativa (Hatfield e Rapson, 1996). Em um estudo realizado com alunos de psicologia da Universidade Paris 5 (Feybesse e Bungener, 2009), perguntamos a alunos que estavam apaixonados para responderem a Escala de Depressão de Beck, a Escala de Estado de Ansiedade (STAI-A) de Spielberg, a uma medida que avalia pensamentos obsessivos e que os sujeitos pontuassem sua saúde física e mental. Os sujeitos foram divididos em 2 grupos: um constituído por sujeitos que eram correspondidos e outro por sujeitos que não eram correspondidos por seu objeto de paixão. Para determinar isso, os sujeitos eram entrevistados pelo experimentador e tinham que responder a uma versão francesa da Escala de Amor Apaixonado. Apesar de não termos encontrado uma diferença significativa em relação a intensidade do amor apaixonado, os níveis de depressão e ansiedade eram bem mais elevados em sujeitos não correspondidos. Houve uma diferença ainda maior no que se refere a avaliação da saúde física e mental. Em ambos os casos, encontramos níveis mais elevados de pensamentos obsessivos que na população normal sendo significativamente maior em sujeitos apaixonados que não estavam sendo correspondidos. Provavelmente, não teríamos encontrados uma relação entre amor apaixonado e depressão ou saúde física e mental se não tivéssemos separado os sujeitos em 2 grupos. Craig Hill e seus colaboradores (1997) fizeram um estudo para ver a frequência do amor apaixonado na adolescência e no início da vida adulta. Os autores pediram para que os sujeitos relatassem os momentos em que amaram e se esse amor foi correspondido ou não. Os autores concluíram que o amor apaixonado é

mais frequente entre os 16-20 anos de idade do que entre os 21-25 anos de idade. Todos os sujeitos do estudo afirmaram terem sofrido um amor não correspondido pelo menos uma vez na vida. Isto indica que sempre há sujeitos que estão pensando em um amor não correspondido quando fazemos pesquisas sobre o amor apaixonado. De forma semelhante, estudantes universitários que estão em um relacionamento amoroso estável apresentaram menos problemas de saúde mental, adotam menos comportamentos de risco (como dirigir de forma imprudente por exemplo) e estão menos propenso a estar acima do peso. Este mesmo grupo apresenta um nível mais elevado de bem-estar que os sujeitos solteiros (Braithwaite, Delevi e Fincham, 2010).

O amor apaixonado é um construto muito bem integrado nas diferentes tipologias de amor que foram criadas pela psicologia social. Hoje temos vários indícios de que as escalas que apresentamos medem um conceito bem próximo entre si.

Mashiro Masuda (2003) realizou uma meta-análise com 33 estudos em que as 3 escalas poderiam estar presente. O autor tentou sintetizar os resultados encontrados criando duas categorias para o amor. A primeira seria o “amor erótico” que corresponde a um amor associado com o desejo sexual (bastante próximo do conceito de amor apaixonado). A segunda categoria representaria o amor companheiro que representaria um amor platônico correspondendo a amizade. Todas as escalas de amor que foram testadas apresentam um constructo psicológico semelhante em relação ao amor erótico. A mesma coisa não acontece em relação ao amor companheiro visto que Masuda achou qualidades diferentes entre as escalas para esta categoria. O autor concluiu que o amor erótico é conceitualizado de forma bastante semelhante entre os autores anglo-saxões das escalas apresentadas neste capítulo. De forma semelhante, Hendrick e Hendrick (1989) pediram para que estudantes universitários respondessem a 5 escalas (18 sub-escalas) que medem o amor e assim tentaram extrair os fatores principais do amor romântico através das correlações encontradas entre elas. A análise

fatorial resultante revelou 5 fatores distintos: o amor apaixonado, proximidade, ambivalência, vinculação amorosa segura e praticabilidade. A primeira componente, amor apaixonado, explicou 32% da variância indicando assim a importância deste construto nas relações românticas e assim no amor (Hendrick e Hendrick, 2006). Segundo Graham (2011), esse estudo está sujeito a críticas visto que alguns fatores podem ter se formado por causa da inclusão de medidas que não medem realmente o amor como a escala que determina o tipo de vinculação amorosa em relacionamentos amorosos de Hazan e Shaver (1987). Outro limite desta análise é que ela foi realizada somente com uma amostra de sujeitos de uma universidade americana.

As 3 escalas apresentadas e a Escala de Amar e Gostar de Zick Rubin foram re-testadas recentemente por Graham e Christiansen (2009) no que refere a consistência interna dos instrumentos. Com uma amostra de 264 estudos em que cada um empregou pelo menos uma das escalas citadas, os autores determinaram a variância da consistência interna de cada instrumento. Concluiu-se que, em média, a consistência interna das escalas era um pouco mais baixa do que foi encontrado nos estudos que validaram os instrumentos. No entanto, este estudo, assim como os estudos de Mashiro Masuda e de Susan e Clyde Hendrick (1989), demonstrou que a criação destes instrumentos representam uma importante contribuição para o desenvolvimento e entedimento da ciência dos relacionamentos românticos.

Bianca Acevedo, Arthur Aron (2009) e James Graham (2011) utilizaram o método da meta-análise para determinar se o amor apaixonado não poderia ser dividido em duas componentes principais: a primeira foi chamada de amor romântico que corresponde a um sentimento amoroso intenso, comprometido e bastante interesse sexual. Esta componente possui poucos elementos obsessivos fazendo com que seja um tipo de amor que pode perdurar no tempo. Ele pode estar fortemente presente em relações recentes como também em relações bem mais antigas. A sua relação com o tempo seria bastante diferente se comparado com o amor

apaixonado como ele é tradicionalmente definido e poderia mais facilmente levar um casal ao amor companheiro de Hatfield e Berscheid mesmo se este último é necessariamente menos intenso em relação a atração e ao desejo sexual. O amor romântico possibilitaria um casal mais antigo de manter energia, otimismo e companherismo em seu relacionamento (Acevedo e Aron, 2009). A outra componente do amor apaixonado se chamaria de obsessão romântica (Graham, 2011) e seria composta de elementos obsessivos caracterizado por pensamentos intrusivos, incerteza e mudanças de humor (Acevedo e Aron, 2009). Este tipo de amor também levaria o indivíduo a viver uma experiência dependente de amor criando assim uma vinculação ansiosa. Este sub-tipo de amor apaixonado seria mais frequente nos estágios iniciais de uma relação amorosa, em relacionamentos inseguros (Graham, 2011) ou numa fase em que o casal ainda não se definiu bem (Graham e Christiasen, 2009). Segundo estes mesmos autores, o tipo *Mania* da escala da teoria de Lee seria aquele que melhor exemplificaria o conceito de obsessão romântica. A Escala de Amor Apaixonado também é um instrumento que o integaria com alguns de seus itens como os itens 1, 5 e 21. A satisfação no casamento e a auto-estima estão positivamente associadas ao amor romântico e estão negativamente associadas ao amor obsessivo.

Apesar dos autores apresentarem análises fatoriais relevantes para sustentar o argumento de que o amor apaixonado possui essas duas componentes, muitos estudos indicam que este tipo de amor contém sempre uma vertente obsessional. O amor apaixonado caracteriza-se necessariamente por haver medo de perder o objeto de paixão, de pensar incontrolavelmente nele levando o indivíduo que o experimenta a sentir prazer e alegria ou tristeza e dor como o poeta Vinícius de Moraes escreveu em seu poema “eu não existo sem você”:

*“Que todo grande amor
Só é bem grande se for triste
Por isso, meu amor
Não tenhas medo de sofrer
Que todos os caminhos me encaminham pra você”*

Uma forma de entender a natureza do amor e diferentes tipos de relacionamentos pode ser os explorando com a combinação de várias escalas porque elas possuem modelos diferentes em relação a experiência do amor. Graham (2011) propõe o uso de diferentes escalas agregando os seus resultados a uma nota geral de amor romântico quando se procura estudar o amor de uma forma mais geral. O amor apaixonado parece ser o tipo de amor que produz resultados mais homogêneos entre as diferentes escalas, o que indicaria que este tipo de amor pode ser medido de forma bem sólida. Finalmente, apesar de existir muitas escalas diferentes que medem o amor, Graham aconselha os pesquisadores a desenvolverem novos métodos de mensuração assim como a criação de novas escalas possibilitando novas formas de testar este complexo construto (2011). A validação de instrumentos psicométricos que demonstraram ser eficazes parece ser a forma ainda mais adequada para o desenvolvimento de pesquisas experimentais sobre o amor em culturas, como a brasileira, onde ainda não se colheu muitos dados.

Conclusão

Estudos científicos sobre o amor que utilizam medidas oriundas da psicologia social já são uma realidade no Brasil nesses últimos 10 anos. Aachamos que o desenvolvimento de tais estudos com amostras brasileiras podem trazer contribuições muito significativas para o corpo teórico internacional. O Brasil possui uma diversidade étnica e cultural muito interessante possibilitando o desenvolvimento de respostas a muitas dúvidas partilhadas entre os especialistas. Além disso, a cultura brasileira é uma cultura que valoriza muito o amor. Em um estudo que tentou examinar a relação entre o amor e o casamento em 11 culturas diferentes, o Brasil foi o segundo país que mais rejeitou a seguinte pergunta (Levine, Sato, Hashimoto e Verma, 1994 in Hatfield e Rapson, 2005): *“Se um homem (mulher) tivesse todas as outras qualidades que você deseja, você seria capaz de se casar com esta pessoa mesmo*

que você não estivesse apaixonada(o) por ele (ela)?”. Os pesquisadores encontraram que 85,7% dos estudantes brasileiros reponderam “não” perdendo somente para a amostra de estudantes americanos (85,9%). Estudos com amostras interculturais variadas deste tipo ainda são muito escarços e os achados científicos atuais ainda são muito limitados por serem, na grande maioria dos casos, testados principalmente na cultura norte-americana.

A cultura brasileira também possui facetas bem peculiares em relação ao amor apaixonado. A antropóloga americana Rebhun (1995) estudou a visão de que nordestinos de classes sociais mais baixas têm em relação ao amor. A autora observou que essa classe social emula os estereótipos das classes sociais mais elevadas e observou que os brasileiros que ela entrevistou faziam uma clara distinção entre a paixão e o amor. Esta diferença se tornava confusa quando perguntava-se para definir ambos os termos. Todos os anos, milhares de brasileiros são vítimas do famoso “amor-de-carnaval” que parece nascer e morrer nos dias de folia. Este fenômeno parece ser favorecido pelo contexto no qual ele é experimentado: uma ocasião social onde a vida diária deixa de ser operativa e pode-se viver no excesso (Damatta, 1986). O estudo científico focando estes tipos de fenômenos poderão fornecer novas descobertas em relação a natureza do amor.

Observamos no Brasil algo de muito semelhante que podemos observar na França: as pesquisas acadêmicas sobre relações românticas que têm mais repercussão nesses países são fundadas utilizando um corpo teórico de cunho psicanalítico. Essa realidade é totalmente diferente na literatura científica internacional na qual a psicanálise não possui praticamente nenhum espaço por ser considerada como uma linha e método completamente ultrapassados em relação aos estudos atuais sobre o amor. Esperamos que esta pequena contribuição faça com que pesquisadores e estudantes do Brasil se familiarizem e se interessem em fazer pesquisas utilizando os instrumentos que foram apresentados. Ainda há muito a se fazer e explorar com estas metodologias!

Referências bibliográficas

- Acevedo, B. P. & Aron, A. (2009). Does a long-term relationship kill romantic love? *Review of General Psychology, 13*, 59-65.
- Bartels, A. e Zeki, S. (2000). The neural correlates of maternal and romantic love. *Neuroimage, 21*, 1155-1166.
- Baumeister, R. F., Wotman, S. R., Stillwell, A. M. (1993). Unrequited love: On heartbreak, anger, guilt, scriptlessness, and humiliation. *Journal of Personality and Social Psychology, 64*, 377-394.
- Berscheid, E. & Hatfield, E. (1969). *Interpersonal attraction*. New York: Addison-Wesley.
- Braithwaite, S. C., Delevi, R. & Fincham, F. R. (2010). Romantic relationships and the physical and mental health of college students. *Personal Relationships, 17*, 1-12.
- Buss, D. M. (1989). Sex differences in human mate preferences: Evolutionary hypothesis tested in 37 cultures. *Behavioural and Brain Sciences, 12*, 1-49.
- Buss, D. M. (2006). Strategies of human mating. *Psychological Topics, 15*, 239-260.
- Buss, D. M. (2007). The evolution of human mating. *Acta Psychologica Sinica, 39*, 502-512.
- Cassepp-Borges, V. (2010). *Amor: da adaptação de testes existentes à criação de um novo instrumento de mensuração* (Tese de doutorado não publicada). Universidade de Brasília, Brasil.
- Castro, F. N. & Lopes, F. A. (2011). Romantic preferences in Brazilian undergraduate students: from the short term to the long term. *Journal of Sex Research, 48* (5), 479-485.
- Damatta, R. (1986). *O que faz o Brasil, Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Rocco.
- De Rougemont, D. (1939). *L'amour et L'occident*. Paris: 10 X 18.
- Driscoll R., Keith E. D. & Milton E. L. (1972). Parental interference and romantic love: The Romeo and Juliet effect. *Journal of Personality and Social Psychology, 24* (1), 1-10.
- Elliot, A. J. & Niesta, D. (2008). Romantic Red: red enhances men's attraction to women. *Journal of Personality and Social Psychology, 5*, 1150-1164.
- Fehr, B. & Russel, J. A. (1991). Concept of love viewed from a prototype perspective. *Journal of Personality and Social Psychology, 60*, 425-438.
- Felmlee, Diane and Susan Sprecher. (2006). Love. in J. Stets and J. Turner, *Handbook of the Sociology of Emotions*, (pp. 389-409). New York, NY: Springer.
- Feybesse, C. et Bungener, C. (2009). Analyse psychopathologique quantitative de la passion

amoureuse. *Recherche dans le cadre du M2R non publiée, Institut de Psychologie de l'Université Paris Descartes, France.*

- Feybesse, C., Neto, F. e Hatfield, E. (2011). Adaptação da escala de amor apaixonado na população portuguesa. *Psicologia, Educação & Cultura, 15* (1), 161-180.
- Fisher, H. (2004). *Why we love: The nature and the chemistry of romantic love*. New York: Henry Holt.
- Fisher, H. E., Brown, L. L., Aron, A., Strong, G. E. & Mashek, D. (2010). Reward, addiction and emotion regulation systems associated with rejection in love. *Journal of Neuropsychology, 104*, 51-60.
- Freud, S. (1910). Un type particulier de choix d'objet chez l'homme. *La vie sexuelle*. Bibliothèque de psychanalyse (PUF).
- Freud, S. (1914). Pour introduire le narcissisme. *La vie sexuelle*. Bibliothèque de psychanalyse (PUF).
- Galperin, A. & Haselton, M. (2010). Predictors of how and when often people fall in love. *Evolutionary Psychology, 8* (1), 5-28.
- Graham, J. M. & Christiansen, K. (2009). The reliability of romantic love: A reliability generalization meta-analysis. *Personal Relationships, 16*, 49-66.
- Graham, J. M. (2011). Measuring love in romantic relationships: A meta-analysis. *Personal Relationships, 28* (6), 748-771.
- Hatfield, E. & Rapson, R. L. (2005). *Love and sex: cross-cultural perspective*. University Press of America.
- Hatfield, E. & Rapson, R. L. (2008). The neuropsychology of passionate love and sexual desire. In E. Cuyler and M. Ackhart (Eds.). *Psychology of social relationships*. Hauppauge, NY: Nova Science.
- Hatfield, E. & Sprecher S. (1986). Measuring passionate love in intimate relationships. *Journal of Adolescence, 9*, 383-410.
- Hatfield, E. & Sprecher, S. (2010). The passionate love scale. In Fisher, T. D., C. M. Davis, W. L. Yaber, e S. L. Davis (Eds.) *Handbook of sexuality-related measures: A compendium* (3rd Ed.), (pp. 469-472). Thousand Oaks, CA: Taylor & Francis.
- Hatfield, E. & Walster, G. (1978). *A new look at love*. Reading, MA: Addison – Wesley.
- Hatfield, E. (1988). Passionate and companionate love. In R. J. Sternberg & M. L. Barnes, (Eds). *The psychology of love* (pp. 191-217). New Haven: Yale University Press.
- Hatfield, E. Schmitz, E., Cornelius, J. & Rapson, R. (1988). Passionate love: How early does it begin? *Journal of Psychology & Human Sexuality, 1*, 35-52.

- Hatfield, E., & Rapson, R. L. (1996). Stress and passionate love. In C. D. Spielberger & I. G. Sarason (Eds.), *Stress and Emotion: Anxiety, Anger, and Curiosity*, 16, 29-50.
- Hatfield, E., Young, D., Bensman, L. & Rapson, R. L. (2012). A brief history of social psychologists' attempts to measure passionate love. *Journal of Social and Personal Relationships*, 29 (2), 143-164.
- Hazan, C. & Shaver, P. (1987). Romantic love conceptualized as an attachment process. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52, 511-524.
- Hendrick, C. & Hendrick, S. (1986). A theory and method of love. *Journal of Personality and Social Psychology*, 50, 392-402.
- Hendrick, C. & Hendrick, S. S. (1989). Research on love: Does it measure up? *Journal of Personality and Social Psychology*, 56, 784-794.
- Hendrick, C. Hendrick, S. S. & Dicke, A. (1988). The love attitudes scale: Short form. *Journal of Social and Personality Relationships*, 15, 147-159.
- Hendrick, S. S. & Hendrick, C. (1995). Gender differences and similarities in sex and love. *Personal Relationships*, 2, 55-65.
- Hendrick, S. & Hendrick, C. (2006). Styles of romantic love. In R.J. Sternberg, and K. Weis (Eds). *The new psychology of love*. New Haven: Yale University Press.
- Hendrick, S. S. & Hendrick, C. (1992). *Romantic love*. Sage Series on Close Relationships.
- Hill, C. A., Blackmore, Owen. J. E. & Drumm, P. (1997). Mutual and unrequited love in adolescence and young adulthood. *Personal Relationships*, 4, 15-23.
- Jankowiak, W. R. & Fischer, E. F. (1992). A cross-cultural perspective on romantic love. *Ethnology*, 31 (2), 149-155.
- Johnson, M. P. & Milardo, R. M. (1984). Network interference in pair relationships: a social psychological recasting of Slater's theory of social regression. *Journal of Marriage and the Family*, 46, 893-899.
- Laqueur, T. (1990). *Making Sex: Body and Gender from the Greeks to Freud*. New York: Zone Books.
- Lee, J. A. (1988). Love-styles. In R. J. Sternberg & M. L. Barnes, (Eds). *The psychology of love* (pp. 38-67). New Haven: Yale University Press.
- Marazziti, D. & Baroni, S. (2012). Romantic love: the mystery of its biological roots. *Clinical Neuropsychiatry*, 9 (1), 14-19.
- Marazziti, D., Akiskal, H. S. Rossi, A. & Cassano, G. B. (1999). Alteration of the platelet serotonin transporter in romantic love. *Psychological Medicine*, 29, 741-745.

- Masuda, M. (2003). Meta-analyses of love scales: Do various love scales measure the same psychological construct? *Japanese Psychological Research*, 43, 25-37.
- Moore, S. & Leung, C. (2002). Young people's romantic attachment styles and their associations with well-being. *Journal of Adolescence*, 25, 243-255.
- Neto, F. (1992). *Solidão, embaraço e amor*. Centro de Psicologia Social.
- Neto, F. (1998). Atitudes em relação ao amor. *Psicologia, Educação e Cultura*, 2 (2), 263-279.
- Neto, F., Mullet, E., Deschamps, J. C., Barros, J., Benvindo, R., Camino, L., Falconi, A., Kagibanga, V. e Machado, M. (2000). Cross-cultural variations in attitudes towards love. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 30, 626-635.
- Pinto, M. C. e Neto, F. (2008). Atitudes em relação ao amor em adolescentes portuguesas e originárias da Índia. *Psicologia, Educação e Cultura*, 12, 404-414.
- Rebhun, L. A. (1995). The language of love in Northeast Brazil in W. Jankowiak, *Romantic passion: a universal experience?* (pp. 239-261). New York: Columbia University Press.
- Rubin, Z. (1970). Measurement of romantic love. *Journal of Personality and Social Psychology*, 16, 265-273.
- Sprecher, S. & Felmlee, D. (1992). The influence of parents and friends on the quality and stability of romantic relationships: a three-wave longitudinal investigation. *Journal of Marriage and the Family*, 54, 888-900.
- Sprecher, S. & Metts, S. (1989). Development of the romantic beliefs scale and examination of the effects of gender and gender-role orientation. *Journal of Social and Personal Relationships*, 6, 387-411.
- Stafford, L. & Reske, J. R. (1990). Idealization and communication in premarital relationships. *Family Relations*, 39, 274-279.
- Stafford, L., Merolla, A. J. & Castle, J. D. (2006). When long-distance dating partners become geographically close. *Journal of Social and Personal Relationships*, 23(6), 901-919.
- Sternberg, R. J. (1986). A triangular theory of love. *Psychological Review*, 93, 119-135.
- Sternberg, R. J. (1988). *The triangle of love*. New York: Basic Books.
- Sternberg, R. J. (1988). Triangulating love. In R. J. Sternberg, and M. L. Barnes (Eds). *The psychology of love* (pp. 119-138). New Haven: Yale University Press.